Um Testamento de 30 Mil Anos

FRANKLIN FERNANDES DE OLIVEIRA

O Prof. José Paurilo Barroso, filho de Itapipoca, onde reside, estudioso da paleontologia e investigador incansável do passado, realizando, em 1952, uma escavação num tanque encravado num lajedo na localidade de João Cativo, foi surpreendido com um grande número de fósseis existentes naquele sítio, ao sopé da serra da Uruburetama.. Convicto de se tratar de algo importante e raro para um exame paleontológico, resolveu escrever uma carta ao historiador cearense Gustavo Barroso, comunicando-lhe o achado valioso. Este aconselhou-o a escrever a D. Heloísa Alberto Tôrres, reputada conhecedora da arqueologia indígena e ex-diretora do **Museu Nacional.**

O Prof. Paurilo Barroso escreveu à referida senhora, que respondeu à sua missiva agradecendo a comunicação da descoberta preciosa e o envio de uma peça fossilizada, afirmando, outrossim, que aquele museu estava estudando um meio de mandar uma comissão de estudiosos averiguar os fósseis do município de Itapipoca.

Em 1955, após três longos anos de espera, encontrando-se em Fortaleza o Prof. Paurilo Barroso, foi informado de que o Dr. Carlos de Paula Couto, diretor da secção de paleontologia do MUSEU NACIONAL e um dos maiores vultos desta ciência na América Latina, desejaria palestrar com ele no Lord Hotel. Recebendo o aviso, Paurilo Barroso dirigiu-se imediatamente para aquele hotel.

Depois de uma demorada conversa com o Prof. Paurilo Barroso, o Dr. Carols de Paula Couto asseverou que retornaria ainda para explorar aquele desvão escuso do município de Itapipoca.

Após decorridos seis anos, em 1961, no mês de janeiro, chegam a Itapipoca o Dr. Carlos de Paula Couto e o Prof. Fausto Luís de Sousa Cunha, geólogo, com propósito de explorar os «Tanques de João Cativo».

O Quilombo de João Cativo

Os Tanques de João Cativo, consoante a tradição até hoje conservada pos pessoas residentes nas suas circunsvizinhanças, foram, ao tempo da escravidão, refúgio de negros, advindo daí a denominação de João Cativo, que era um velho escravo desertor que aceitava naquele perdido antro os companheiros de infortúnio.

Era João Cativo, além de escravo inteligente e intrépido, o guia espiritual de muitos negros; sob a sua proteção viviam muitos escravos foragidos, que a ele vinham em busca de guarida.

Conseguiu ele, em curto período de tempo, acolher grande número de negros fugitivos, formando com estes um forte reduto, um respeitado e poderoso quilombo.

Homem devotado inteiramente ao sofrimento de seus colegas de destino, era ele considerado, naquelas agrestes cercanias, o pai dos escravos. Sua fama admirável e seu negável valor espalharam-se por todo aquele êrmo.. Foi, talvez, em tão abscôndito recanto, a primeira pessoa a manifestar-se contra a ignomínia da escravidão. Sua voz, sempre acalentadora, constituía o estímulo alentador do viver dos calhambolas, que eram por ele sempre bem acolhidos.

Segundo a credulidade popular, atualmente são os Tanques de João Cativo lugar mal-assombrado pela aparição de espírito vagabundos ou almas penadas que por lá perambulam a desoras, provocando pavor ou assombração.

As pessoas que moram perto desse escaminho recaiam lá chegar até durante o dia, pois poderão ser atraídas pelo espírito de João Cativo. Data a crendice reinante, essa região permanece ainda despovoada.

A Contextura do terreno ali à complexa, em virtude das ações erosivas sobre o seu metamorfismo topográfico. As formas abruptas e rudes, as escarpas, os talhados, os socalcos bem pronunciados, contrastando com as formas brandas e suaves, representam muito bem o seu complicado aspecto fisiográfico. Podemos observar inúmeras pedras de formatos diferentes e pitorescos — pedras de feitio de mesa, de bôlo confeitado, todas de inestimável importância folclórica. A sua história geológica está a merecer uma acurado estudo.

Ali o clima é aprazível, correndo sempre uma brisa refrescante. Nos tanques, encontramos água em abundância.

Os Tanques de João Cativo estão localizados a 13 Km da cidade de Itapipoca, na direção sudoeste.

AS TRIBOS

Os tapuias Guanacés e Jaguaruanas foram provavelmente os indígenas que outrora senhorearam os Tanques de João Cativo.

Assegura o eminente indianólogo cearense Gen. Dr. Carlos Studart Filho, na sua notável obra «Os Aborígenes do Ceará», que «entre as praias cearenses e a Serra de Uruburetama os colonizadores encontraram os Wanacés, Guanacés, Ganacés ou Anacés, os Guanaceguaçus e Guanacemirins, tribos inimigas entre si, mas provavelmente da mesma parentela, todas mencionadas no «Diário da Expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1949». Acrescenta o aludido escritor: «Havia mais os Açanaceguaçus, também citados por Matias Beck e, possivelmente, os mesmos Açanaceguaçus e os Jaguaruanas, que habitaram entre o rio Curu e Acaraú e eram também chamados Jaguarurunas e Jaguararenses».

O Dr. Carlos Studart Filho concorda apenas na identidade dos Guanacés ou Guinacés com os Anacés, mas reputa não válida a opinião de Araripe, segundo a qual também Jaguaruanas e Guanacés são denominações particulares dos Anacés, «porquanto, afirma Araripe, nos documentos antigos que consultou, não encontrou o nome de sua habitação».

OS FÓSSEIS

Durante vinte e dois dias, trabalhando de manhã e à tarde, o Dr. Carlos de Paula Couto e os Professores Fausto Luís de Sousa Cunha e José Paurilo Barroso, com a colaboração de cinco operários, conseguiram escavar os cinco tanques existentes naquele recanto esconso. Apenas dois tanques apresentaram fósseis em grande quantidade. Salientamos que a escavação não continuou mais, em consequência das fortes chuvas caídas e que assinalaram o início do inverno de 1961.

Para se ter uma noção da importância dessa exploração, basta dizer-se que o Dr. Carlos de Paula Couto, que já esquadrinhou diversos sítios fossilíferos do Brasil, à busca de elementos pré-históricos, ficou surpreendido com a abundância e raridade dos fósseis ali encontrados. Para ele, segundo informou o Prof. Paurilo Barroso, a mais notável descoberta foi o achado dos fósseis de uma paleolhama. A lhama é habitante da cordilheira dos Andes, sendo conhecida desde enevoados tempos; tem como parentes próximos o guanaco, a alpaca e a vicunha, não havendo notícia de que tal camelídeo vivesse naquela hoje tão sáfara região, levando-nos a crer que os Tanques de João Cativo outrora possuiram um clima muito frio.

E' a lhama um animal de grande utilidade, servindo às populações andinas como animal de carga ou como produtor de leite, carne e lã. Mede cerca de um metro e vinte centímetros, tem o pescoço delgado, elegante, cabeça peqeuna, orelhas curtas e retas. E' menor que o camelo. A paleolhama era muito maior do que a lhamá atual.

Além deste notável achado, foram encontrados a cabeça de um eremotério, preguiça quase idêntica ao megatério do Sul, restos fósseis de um mastodonte, elefante pré-histórico, de um gliptodonte, tatu gigante, de um pampatério, espécie de preguiça, de um scelidotério, preguiça gigante, menor que o eremotério, de um smilodon, tigre-de-dentes-de-sabre, de um milodonte, outra espécie de preguiça, de um veado antigo, de caititu, de um cavalo antigo, e de muitos animais não identificados especificamente na ocasião.

O megatério (eremotério, scelidotério, pampatério, milodonte, etc) é um mamífero fóssil da ordem dos desdentados, que excedia 5 metros de comprimento e 2 de altura e tinha a configuração do rinoceronte. Chamado também de «grande fera», «este gigantesco animal era um tipo de pregúiça terrestre.. Atualmente existem preguiças, mas vivem nas árvores; são animais desajeitados, que passam a maior parte de sua vida suspensos aos galhos das árvores. A «grande fera» era muito ativa, utilizando as poderosas patas dianteiras para derrubar pequenas árvores, cujas folhas comia; com as grandes garras, arrancava as raízes. De pé sobre as patas traseiras, tinha cerca do dobro da estatura humana».

Estas palavras de Lund dão uma boa idéia do comportamento e do viver dos megatérios: «De fato, como imaginar uma criação em que animais dotados de tamanho e da massa do hipopótamo e do rinoceronte trepassem pelas árvores, como fazem hoje os nossos esquilos? Indubitavelmente, não eram as espécies arborescentes que hoje se disseminam por estes planaltos as mesmas em que se balançavam monstro tão disformes».

O gliptodonte é um antepassado do tatu. Possuia uma cauda provida de uma espécie de bola espinhosa. Tinha uma carapaça análoga à dos tatus atuais, mas era muito maior; media 4 metros de comprimentos e apresentava quase o porte de um boi

O mastodonte é um mamífero fóssil que viveu nos terrenos tarciários e quaternários e compreende mais de quarenta espécies. .Caracterizado pelos seus molares de protuberâncias mamilosas e os seus incisivos inferiores dispostos em defesas diretas, enquanto que os superiores são ordinariamente curvos para cima No resto, a sua dentição varia segundo os tipos, e estabeleceram-se dois subgêneros: tetrabelodon (Tetrabeledon angustidens, do mioceno da Europe e da África do Norte) e dibelodon (Dibelodon prorcursor, do plioceno de Texas. Os mastodontes habitaram quase todas as regões do orbe.

O mastodon giganteum é a espécie mais recente, que persistiu no Ohio até ao período dos depósitos diluvianos. As formas fósseis do terciário recente da índia podem referir-se tanto aos elefantes como aos mastodontes (Mastodon elefantóides).

«Uma estudante da Universidade da Harvard descobriu no México os restos de um mastodonte juntos com artesanatos primitivos, que devem datar de há cerca de 30 mil anos. A descoberta (1962) despertou notável interesse, pois é a primeira vez que um mastodonte vem associado à atividade de um pré-histórico. Era sabido, há muito tempo, que o homem prmitivo caçava o mamute, que faz parte da mesma família dos paquidermes.. Entretanto não se poderia afirmar o mesmo do mastodonte, que viveu há 10 mil anos ou há 30 mil anos. A estudante Cynthia Irwin fêz a interessante descoberta em El-Hron, localizada nas proximidades da cidade mexicana de Puebla, durante expedição organizada pela Universidade de Peabody e Museum de Harvard (USA)»

«Foi a 45 milhões de anos, segundo os paleontólogos, que o maior mamífero que cruzou o solo deste planeta viveu na terra. Trata-se do baluquitério,

talvez um primo do atual rinoceronte, mas de proporções gigantescas. Não era dotado de chifres e a sua cabeça era pequena em relação ao corpo. Podia colher seus alimentos nos ramos das árvores altas, pois alcançava o seu porte mais de 8 metros acima do solo». Este interesante fato foi colhido do «Dicionário Universal de Curiosidades».

O smilodon possuia dois dentes semelhantes a grandes navalhas; daí ser denominado «tigre-de-dentes-de-sabre». Era bem maior que o atual e com o auxílio de sua enorme boca, capaz de quebrar costelas de gigantescos animais que viviam naquela época.

Publica a coleção «Tesouro da Juventude» o seguinte acontecimento: «encontrou-se numa escavação feita na Patagônia, juntamente com os ossos de outros animais ferozes, um milodonte cujo aspecto é muito semelhante ao das grandes preguiças. Julga-se estar ali enterrado há muitos anos, porquanto os ossos que se encontravam junto eram de animais também desaparecidos em época remota. Nessa cova encontraram-se ossos humanos, alguns aguçados talvez para servirem de garfos, e grande quantidade de erva cortada, ppossivelmente ali colocada pelos selvagens para alimento do milodonte, conservado naquela espécie de jaula e tratado como hoje se cuida das vacas e dos cavalos. Existe no Colégio dos Cirurgiões de Londres um magnífico esqueleto de milodonte, achado em 1841, a sete léguas ao norte de Buenos Aires, no grande depósito fluvial atravessado pelo Rio da Prata e seus afluentes».

Após concluída a exploração nos Tanques de João Cativo, o Dr. Carlos de Paula Couto proferiu brilhante conferência, no «Clube Social Imperatriz», de Itapipoca, acerca da importância da escavação por ele realizada naqueles tanques. Afirmou, nessa solenidade, o ilustre paleontólogo que os mamíferos extintos viveram nestes tanques há mais de 30 mil anos.

Os professores Fausto Luís, Paurilo Barroso e o Dr. Carlos de Paula Couto foram, nessa ocasião, homenageados pela sociedade itapipoquense. Esses estudiosos deixaram Itapipoca, (com exceção do Prof. Paurilo Barroso), conduzindo, num caminhão, uma quantidade incalculável de fósseis. Ressaltamos que só de dentes levaram consigo muitas dezenas. Devemos salientar ainda que toda a exploração foi filmada, relatadas todas as ocorrências verificadas durante e permanência desses estudiosos em Itapipoca.

O HOMEM DE URUBURETAMA

Para dar ainda maior realce à importância que desempenha a Serra de Uruburetama na pré-história cearense, a par dos aludidos achados, aparece uma peça óssea, a denominada de Calota de Uruburetama, que foi recolhida por membros (cuja identidade ignoramos) da Comissão Científica ou a eles oferecida. Sob a chefia do Conselheiro Dr. Francisco Freire Alemão Cisneiros, esteve a Comissão Científica no Ceará em 1859. A serra de Uruburetama foi visitada por ela em 1860, em outubro, quando foi encontrada o valioso achado. Enviado para o Rio de Janeiro, a referida preciosdade foi doada ao MUSEU NACIONAL.

Estudado pelos Drs. Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto, esse resto fóssil, conforme asseverou o Dr. Carlos Studart Filho, num trabalho publicado na Revista do Instituto do Ceará, foi «reputado dos objetos mais curiosos e interessantes de quantos então existiam naquela casa de estudo». O Prof. VAN BENEDEN, sábio europeu, dele mandou tirar, segundo transcrição do citado historiógrafo cearense, «uma fotografia e levou-a consigo para a Europa, como uma raridade antropológica».

Acredita o Dr. Carlso Studart ser o homem de Uruburetama integrante de uma horda invasora, vinda de qualquer ponto da costa do Pácífico, oriunda de uma raça primitiva que viveu, em tempos remotos, em ilhas do aludido oceano. Pertencia, pois a Calota Cearense a um antepassado alóctone, que veio ter ao Cea-

rá há muitos animais, após ter deixado espalhados muitos parentes seus nos sertões mineiros e outros perdidos nos tratos amazônicos. Concluimos que o crânio de Uruburetama, não obstante ser mais novo do que o da Lagoa Santa, está estreitamente ligado a este. Importante é ressaltar o que afirmou o Dr. Carlos Studart: «o cavernícola de Uruburetama, sem dúvida parte dos primeiros enxames a se destacarem das vagas pioneiras que chegaram ao Brasil, foi talvez contemporâneo dos grandes mamíferos extintos cujos restos ficaram presos no massapê das nossas lagoas.. A teoria é perfeitamente plausível, uma vez que seus parentes mineiros conheceram, ainda em vida, alguns dos espécimes fósseis desenterrados por Lund das cavernas da Lagoa Santa». Logo em seguida, acrescenta que «o alto grau de fossilização apresentado pelo fragmento craniano, oriundo de Uruburetama, e a exumação, na Argentina, de ossos do mesmo tipo e em igual estado de conservação, jazendo sob a carapaça de um gliptodonte»», constitui prova autêntica da mencionada coexistência entre o mamífero pré-histórico e o Homem de Uruburetama.

Tudo nos leva a acreditar que o Homem de Uruburetama está vinculado ao da Lagoa Santa e que foi coetâneo dos mamíferos extintos encontrados nos Tanques de João Cativo. Para dar ainda maior autenticidade ao que ficou expresso, convém ressaltar que os Tanques de João Cativo ficam não muito distante do local onde se supõe ter sido encontrada a Calota de Uruburetama.

(Transcrito do jornal «Tribuna do Ceará)